

Os escritores africanos e o Prêmio Nobel

Recebido 27. jul. 2005/Aprovado 23. set. 2005

Eliana Lourenço de Lima Reis

Resumo

A atribuição do Prêmio Nobel a escritores africanos, como Wole Soyinka e Nadine Gordimer, contribui para dar maior visibilidade a sua obra e a seu papel de intelectuais. Discute-se nesse trabalho como esses dois autores se comportam frente às novas exigências advindas dessa legitimação literária, em especial com relação a aparições públicas e na mídia.

Palavras-chave: *Prêmio Nobel de Literatura; África; intelectuais; Wole Soyinka; Nadine Gordimer.*

O prêmio Nobel de Literatura, nas últimas décadas, tem significado para seus ganhadores não só a fama e a legitimação de sua obra, mas também pressões nacionais e internacionais para seu engajamento em questões políticas diversas. O escritor, assim, é chamado a se pronunciar publicamente sobre temas controvertidos e a tomar posição em jogos políticos de certos governantes, dividindo-se entre o papel de artista e o de intelectual. Na verdade, os próprios critérios que historicamente vem norteando a escolha dos laureados contribuem para a indicação de autores cujas obras são marcadas pela preocupação com questões éticas e políticas. De certa forma, essa tendência decorre da leitura das palavras de Alfred Nobel em seu testamento, instituindo, em 1901, cinco prêmios anuais para personalidades que se destacassem em suas áreas de atuação, premiando aqueles cujos trabalhos apresentassem “maior benefício para a humanidade”; no caso da Literatura, o prêmio seria destinado ao escritor que tivesse produzido “o trabalho mais destacado em uma direção ideal” (ESPMARK).

Essas duas expressões são vagas, exigindo dos membros da Academia uma série de interpretações ao longo de pouco mais um século de criação do prêmio. À noção de “um idealismo elevado e sólido” (1901-12), seguiu-se “a política literária de neutralidade” (durante a 1ª. Guerra Mundial), a valorização do “estilo clássico” (na década de 20) e a premiação do chamado “interesse universal” (nos anos 30, quando foram laureados autores então bastante populares entre o público leitor, como Pearl Buck). No período entre a 2ª. Guerra e os anos 70, a “direção ideal” foi interpretada como sendo ditada pelo “pioneirismo” de linguagem, tomando os valores das vanguardas artísticas como superiores ao possível significado humanístico das obras—embora esse critério, no fundo, ainda fosse considerado relevante: quando Beckett recebeu o prêmio, em 1969, o comitê tomou o cuidado de esclarecer que “seu pensamento e poesia pessimistas” seriam marcados pela valorização do humano e das forças da vida. A partir de 1978, a tendência tem sido a atenção às “considerações pragmáticas”, que envolvem a abertura para um horizonte mais internacional, chamando atenção para escritores ainda pouco conhecidos, muitos deles escrevendo em línguas de menor prestígio, como o chinês, o japonês e o árabe. Entretanto, a Academia Sueca faz questão de frisar que a expressão “na direção ideal” não deve ser entendida em seu sentido literal, mas em relação ao valor literário da obra, considerando-se que “no geral, a literatura séria, merecedora de um prêmio, aprofunda o conhecimento do homem e de sua condição e procura enriquecer e melhorar sua vida” (ESPMARK). Assim, apesar dos efeitos políticos resultantes da

atribuição de um prêmio internacional, este não deve, de acordo com o júri do Nobel, ser marcado por uma **intenção** política—o que não impede a politização tanto da premiação como fato cultural, quanto da figura do escritor, que, pela notoriedade a que é alçado, vê-se frequentemente transformado em porta-voz de sua nação ou grupo étnico de origem, ou mesmo de questões políticas relacionadas a este.

A maior internacionalização do Prêmio começa em 1986, com o nigeriano Wole Soyinka, primeiro escritor africano a ser laureado, seguido, mais tarde, por dois sul-africanos: Nadine Gordimer, em 1991, e J. M. Coetzee, em 2003. Nos três casos, os textos de apresentação do prêmio destacaram o chamado caráter universal dos autores e de suas obras. Wole Soyinka foi descrito como alguém “que, em uma perspectiva cultural mais ampla e com implicações poéticas, dá forma ao drama da existência” (GYLLENSTEN, 1986). Quanto a Nadine Gordimer, seu prêmio se justificaria porque “sua bela escrita épica, nas palavras de Alfred Nobel, tem trazido grandes benefícios à humanidade” (ALLÉN, 1991)—uma referência direta à importância de sua obra na luta contra o apartheid. Por outro lado, J.M. Coetzee, conhecido pela complexidade de seu estilo e por sua atitude reticente frente à mídia, tem sua escolha justificada porque, “de formas diversas, retrata o envolvimento surpreendente do outsider” (ENGDAHL, 2003). Assim, em lugar de marcar esses autores pela diferença como africanos, a ênfase recai sobre a traduzibilidade cultural da escrita e sobre seu papel, digamos, humanizador, ou seja, sobre “a direção ideal” sinalizada pela obra.

No caso desses três autores, embora com intensidades diferentes, a “direção ideal” acaba sendo a mesma: a crítica ao regime do apartheid, que se torna o macrossigno de formas correlatas de discriminação e violência, na África e fora dela, abrangendo o mundo colonial e pós-colonial, o império europeu e os regimes ditatoriais instalados no continente ou fora dele. Dessa forma, o apartheid passa a designar também, metaforicamente, as mazelas de todo um continente minado por uma longa série de experiências de espoliação violenta. Essa idéia explicaria a razão pela qual Soyinka, em seu discurso na cerimônia de entrega do prêmio Nobel, “This past must address its present”, fala como representante de toda a África e aproveita os holofotes da mídia para uma crítica feroz ao regime sul-africano, ainda vigente na época, bem como a todas as formas de racismo. Ao contrário da maioria absoluta dos discursos de premiação, Soyinka se dirige a um público internacional mais como intelectual e ativista do que como escritor; na verdade, a literatura acha-se ausente de seu pronunciamento, como a indicar que a presença inusitada de um africano na Academia

Sueca e no centro do cenário internacional deveria ter uma utilização política mais direta.

O grande valor simbólico dessas premiações contribui, sem dúvida, para ampliar a responsabilidade política atribuída a escritores que passam a ser vistos como intelectuais transnacionais, já que sua atuação situa-se não tanto no âmbito local (Nigéria e África do Sul), mas, sobretudo, nas diversas dimensões dos fluxos culturais (*scapes*) a que se refere Appadurai (APPADURAI, 1999, p. 221-224), que põem em circulação capitais e pessoas, bem como informações, imagens, tecnologias e idéias. As paisagens que Appadurai denomina *mediascapes* adquirem papel determinante no impacto político dos escritores premiados, além, é claro, na divulgação de sua obra literária e no aumento de seu valor dentro do mercado editorial, o que certamente não se pode dissociar de outros fluxos, como os *finanscapes*. O mundo literário acha-se, assim, indissoluvelmente ligado aos mundos da economia, da política e da mídia, que, muitas vezes, transformam escritores em celebridades globais. (Impossível não se lembrar aqui de Salman Rushdie, cuja fama decorre mais de sua situação de perseguido político-religioso do que de sua apurada técnica narrativa.)

Como foi praticamente o primeiro autor “periférico” a receber o Nobel em 1986 (o indiano R. Tagore havia sido premiado em 1913, mas dentro de um contexto cultural diferente), a escolha de Wole Soyinka foi recebida com surpresa, já que sua obra, relativamente bem conhecida no mundo acadêmico de língua inglesa,¹ era ainda pouco divulgada entre o público leitor—na verdade, o candidato africano preferido era Chinua Achebe, autor do que se poderia considerar o romance de fundação africano, *Things fall apart*, traduzido para mais de 50 idiomas. O pouco conhecimento da produção de Soyinka decorre em parte da complexidade de sua escrita, fortemente inspirada na cultura iorubá, em especial em sua mitologia e rituais—o que, na verdade, se esperava de um autor africano. Mas não se esperava a ausência de glossários ou de outras informações culturais em que o leitor pudesse se apoiar; mais, ainda, ao contrário da maioria dos escritores pós-coloniais da época da descolonização, a escrita de Soyinka foge ao padrão de abordagem do choque de culturas e da oposição colonizador-colonizado, pois demonstra uma postura crítica tanto em relação ao Ocidente quanto aos novos países africanos. Para completar, sua linguagem, seja na poesia, seja na prosa, seja no drama, segue o modelo da poesia ritual, complexa e de difícil acesso para os não-iniciados num sistema cultural alheio. É interessante observar que, mesmo em seu país, Soyinka era (e ainda é) considerado um escritor intelectualizado, para poucos leitores, voltado em especial para o mundo acadêmico, apesar de sua atuação política, que o levou à prisão por diversas vezes e que

¹ Para maiores informações sobre a obra de Soyinka, conferir, entre outros, REIS, Eliana Lourenço de Lima. *Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural: a literatura de Wole Soyinka*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; Salvador: Fundação Cultural da Bahia, 1999.

resultou também na censura a muitas de suas sátiras aos novos donos do poder.

Por sua carreira de artista/ativista, Soyinka tornou-se *persona non grata* em seu país e em vários lugares da África, mas obteve reconhecimento político e literário fora do continente. Assim, o anúncio de sua premiação foi marcado por sentimentos contraditórios na Nigéria: por um lado, orgulho por um conterrâneo, cuja obra recebe a legitimação de uma instituição de peso no mundo ocidental; por outro, a percepção da ambivalência desse prêmio concedido a um inimigo de qualquer regime ditatorial. Convidado a participar do governo da época, Soyinka tenta usar seu capital político em uma organização não-governamental que se vale do teatro para a educação no trânsito, que ele vê como um dos maiores problemas do país em vista da altíssima taxa de acidentes (em sua peça *The Road* as mortes no trânsito são transformadas em ritual macabro para o deus da guerra, Ogum). A colaboração durou pouco devido à dificuldade de se aliar a um governo ilegítimo. A solução foi o exílio na Europa e nos Estados Unidos e o trabalho em instituições estrangeiras, com temporadas curtas e atribuladas na Nigéria, sendo que a última delas terminou com sua fuga no final de 1994, para escapar à repetição da experiência dolorosa da prisão, que ele já sofrera por ocasião da Guerra de Biafra, no final da década de 60: sua tentativa de evitar a guerra civil rendeu-lhe 27 meses de detenção, a maior parte em cela solitária. Essa época é recriada em suas memórias do cárcere (*The man died*), um testemunho do pesadelo kafkiano da prisão sem uma acusação formal ou direito a julgamento, acrescido da privação daquilo que, para um escritor, é vital: material de leitura ou escrita.

Na verdade, não parece haver lugar para o intelectual na África contemporânea, pois falta a ele um elemento básico para sua sobrevivência, ou seja, a liberdade de pensamento e de expressão. O exílio, assim, tem sido a opção mais comum, ampliando o número de intelectuais transnacionais que atendem ao apelo de um mercado de trabalho acadêmico que busca absorver os grandes nomes de diversas culturas, oferecendo-lhes salários e condições de trabalho a que jamais teriam acesso em seus lugares de origem. Embora o exílio por razões políticas não seja uma experiência propriamente positiva, trabalhar em instituições estrangeiras de prestígio contribui para conferir a artistas como Soyinka, já reconhecido internacionalmente pelo Prêmio Nobel, uma maior visibilidade na mídia. O crescimento das redes de informação (*mediascapes*, segundo Appadurai) tem certamente contribuído para esse fenômeno, bem como para tornar cada vez mais tênues as fronteiras e o âmbito de atuação desses intelectuais: ao contrário do papel que desempenharam na construção da nação moderna, muitas vezes apoiando o Es-

tado ou colocando-se a serviço de determinadas ideologias, o intelectual transnacional tende a recusar filiações e a buscar interferir pontualmente em situações que considera insuportáveis.

Assim, seja para aquele que permanece em seu país de origem (como Nadine Gordimer, por exemplo), seja para o que busca outros espaços (como Soyinka e Coetzee, que atualmente vive na Austrália), o intelectual africano acaba por se tornar um exilado, no sentido literal ou metafórico, como propõe Edward Said, para quem o intelectual é sempre um *outsider*, incapaz de se acomodar às circunstâncias políticas e sociais:

O exílio, para o intelectual, nesse sentido metafísico, é inquietação, movimento, é ser permanentemente perturbado e perturbar os outros. Não se pode voltar para uma condição anterior, talvez mais estável, de se sentir em casa; e, infelizmente, nunca se pode chegar completamente, estar em harmonia com o novo lar ou com a nova situação (SAID, 1994, p. 39).

A essa inquietação soma-se, na opinião de Said, o sentimento de permanente insatisfação — descrita ironicamente como “ser feliz diante da idéia de infelicidade” —, que tornaria possível o surgimento de “uma mente que floresce em tal angústia produtiva, ou que até mesmo se beneficia dela” (SAID, 1994, p. 39-40). Isso teria acontecido, por exemplo, com Jonathan Swift, que, em seu epítáfio, se define através da expressão “*saeve indignatio*”, ou seja, “indignação feroz” (SAID, 1994, p. 39-40), ou mesmo com Adorno, que afirmava que “*faria parte da moralidade não se sentir em casa em sua própria casa*” (SAID, 1994, p. 42, grifo nosso). Posicionar-se como perpétuo *outsider*, como quer Said, certamente confere ao intelectual liberdade de pensamento e distanciamento crítico, mas, ao mesmo tempo, limita sua capacidade de atuar diretamente na sociedade para modificá-la. O intelectual corre, então, o risco de se tornar apenas uma testemunha (ainda que solidária), que narra “um horror que, de outro modo, não seria registrado”, como destaca Said (SAID, 1994, p. xiv).

Esse papel não parece ser negativo para Nadine Gordimer, como se verifica na palestra por ela proferida durante o Simpósio comemorativo do centenário do Prêmio Nobel em 2001, que aborda a literatura como testemunho. Note-se que não se trata aqui da noção latino-americana de *testimonio*, mas da literatura como forma de posicionamento pessoal frente a esse horror a que se refere Said. A palestra de Gordimer intitula-se “Witness: the inward testimony” (GORDIMER, 2001) e dialoga com seu discurso na cerimônia de entrega do prêmio dez anos antes, “Writing and being” (GORDIMER, 1991). Na palestra, Gordimer pretende abordar o que ela denomina “a dualidade da interioridade e do mundo exterior” [*the duality of inwardness and the outside world*], que, em sua opinião, constitui “a única con-

dição existencial essencial ao escritor como testemunha” [*the one essential existential condition of the writer as witness*]. Note-se que, em inglês, *witness* refere-se àquele que está presente em uma situação; já *testimony* indica não apenas que se presenciou determinado acontecimento, mas que este é relatado de forma fiel e livre. Daí a posição privilegiada do escritor em sua “condição de testemunha”, segundo Gordimer, pois este pode manter sua “integridade à palavra” ao trabalhar em “um estado de liberdade”, isto é, liberdade para criar e para usar sua imaginação a fim de apresentar “uma realidade mais profunda” (GORDIMER, 2001). Se lermos essas afirmações à luz do discurso da cerimônia de premiação em 1991, bem como à luz de sua obra ficcional, percebe-se que, para Nadine Gordimer, o escritor dá testemunho da história mais como escritor do que como intelectual: “qualquer coisa factual que eu digo ou escrevo será sempre menos verdadeira do que minha ficção. A vida e as opiniões não são a obra, pois é na tensão entre se afastar e se envolver que a imaginação transforma a ambas” (GORDIMER, 1991). Mais, ainda, para manter sua integridade como artista, o escritor deve recusar qualquer filiação ou vinculação política, já que estaria “a serviço da humanidade na medida em que usa a palavra até mesmo contra suas próprias lealdades”; e também na medida em que acredita que existem em algum lugar, no fundo das coisas, “frases fragmentárias sobre a verdade”, pois esta deve emergir, nem que seja como horizonte utópico. “Existe um paradoxo”, Gordimer adverte. “Ao conservar essa integridade, o escritor algumas vezes arrisca ser acusado de traição pelo estado e, ao mesmo tempo, ouvir as forças de libertação se queixar de falta de comprometimento cego” (GORDIMER, 1991).

Enquanto Nadine Gordimer escolhe manter a liberdade e integridade na literatura, posicionando-se primordialmente como escritora, Wole Soyinka em geral busca uma via diferente: é a partir de sua condição de intelectual africano e negro que ele procura atuar não só contra as diversas formas de racismo e de conflitos étnicos, mas também contra os males do neocolonialismo e dos governos ditatoriais. É verdade que esses tópicos estão presentes em sua escrita, em especial em sua dramaturgia, toda ela voltada para a crítica às diversas formas de abuso de poder; entretanto, ele procura tirar partido de sua visibilidade na academia e na mídia para chamar a atenção para as questões políticas que lhe são caras. Não se pode esquecer que, pertencendo ao mundo do teatro, Soyinka utiliza com maestria seu talento histriônico e sua forte presença no palco, transformando suas aparições públicas em performances políticas de impacto. Contribui, certamente, para seu sucesso na arena pública sua formação como ator, que faz com que ele saiba tirar proveito de sua figura imponente em abadás impecá-

veis, o cabelo grisalho e ligeiramente longo cuidadosamente emoldurando o rosto bem cuidado. Chama também atenção seu domínio da linguagem: seus discursos revelam não apenas o apuro que caracteriza sua escrita, mas também a maneira engenhosa com que utiliza os recursos retóricos para, com grande habilidade, tentar manter sua integridade artística e intelectual e sua fidelidade aos ideais de liberdade e buscando, contudo, dissociá-los de certas causas políticas e ideológicas. Isso não é uma tarefa fácil, pois Soyinka precisa frequentemente demonstrar (ou apenas sugerir de modo indireto) que, devido aos rumos tomados por alguns líderes políticos ao longo de suas carreiras, eles não contam mais com seu apoio integral – embora ainda acredite nos ideais que os levaram ao poder. É o talento literário através de uma linguagem metafórica, que vai dar a Soyinka os instrumentos necessários para conservar a integridade e para não trair os ideais (e não as personalidades) das “forças de libertação” a que Gordimer se refere (GORDIMER, 1991).

Foi esse tipo de atitude que marcou o discurso proferido por Soyinka em Cuba, em 2001, como convidado especial na cerimônia de abertura dos trabalhos do júri do Prêmio de Literatura promovido pela Casa de las Américas, poucas horas antes de receber da Universidade de Havana o título de Doutor *honoris causa*. Recepcionado com honras de personalidade internacional, Soyinka teve sua visita divulgada nos principais meios de comunicação locais, que apresentaram informações gerais sobre sua obra, conhecida em Cuba a partir de 1987 através da tradução de algumas de suas peças para o espanhol. Porém, mais do que a literatura, a principal razão de sua notoriedade no país talvez seja a consciência de raízes culturais compartilhadas: a cultura iorubá, que marca a escrita de Soyinka, encontra-se viva em Cuba devido ao grande número de afrodescendentes originários da região que atualmente constitui a Nigéria. Assim, o primeiro africano a receber o Nobel é percebido como que parcialmente cubano – sentimento que se reforça na simpatia por Cuba manifestada por Soyinka em diversos de seus textos. Em “Who’s afraid of Elesin Oba” (1979), por exemplo, Fidel Castro é apresentado como herói trágico, “como a figura arquetípica de nossos tempos revolucionários contemporâneos” (SOYINKA, 1988, p.119), um herdeiro de Ogum, deus da guerra.

A simpatia pelo espírito revolucionário certamente permanece na obra de Soyinka; porém, percebe-se que, no atual momento histórico, seu apoio ao regime cubano se restringiria apenas ao respeito pelo que este representou no passado. É esse o sentimento que um olhar mais crítico percebe no discurso proferido durante a cerimônia na Casa de las Américas,

intitulado “Escritor, bruxo e herege”. Nele Soyinka chama a atenção para o papel que, em sua opinião, artistas e intelectuais são chamados a cumprir na sociedade contemporânea: atuar como forças de resistência a qualquer tentativa de se limitar a liberdade e a justiça não apenas em seus respectivos países, mas em qualquer lugar em que governos procurem promover algum tipo de arbitrariedade ou censura. Para ele, haveria “somente duas grandes categorias de cultura: a que lisonjeia e apóia o poder, e a cultura herética, que critica o poder e o desafia” (SOYINKA, 2001a). Assim, intelectuais e artistas seriam necessariamente inconformistas; daí serem freqüentemente “satanizados” e tomados como “bodes expiatórios da cultura”. Como exemplos de situações a serem condenadas, Soyinka cita desde debates sobre a revisão da pena de morte imposta ao ex-Pantera Negra Abu Jamal, que, na época, escrevia de forma contundente sobre a situação dos negros no sistema carcerário nos Estados Unidos, até os governos fundamentalistas e extremistas no Egito, Afeganistão, Índia e vários países da África, que promovem o que ele denomina “limpeza cultural”, isto é, políticas ultranacionalistas e xenófobas (SOYINKA, 2001a). Ao discursar como homenageado pelo governo, para uma platéia constituída em sua maioria por cubanos, além de alguns convidados latino-americanos, Soyinka afirma considerar Cuba um símbolo do “inconformismo ideológico” e chama o país de “o herege do hemisfério ocidental”. Em sua opinião, “existe uma tribo transcultural formada por artistas, escritores e intelectuais, que, como acontece com as bruxas, são muitas vezes vistos como hereges”, o que explicaria em parte o fato de que “as oligarquias dominantes, ao longo da história, tenham tido a tendência de olhar escritores e artistas com o mesmo temor supersticioso antigamente inspirado pelas bruxas”. Essa seria a razão pela qual, em muitos regimes autoritários, canetas e livros pareçam tão ameaçadores quanto, no passado, “as vassouras das bruxas e a mesa de trabalho do alquimista”. Soyinka termina o discurso dizendo que uma ocasião como aquela confirma o reconhecimento da missão do escritor e a existência de uma “rede mundial de conciliábulo de bruxos, dos quais a Casa de las Américas é parte vital” (SOYINKA, 2001a).

A ironia da comparação parece ter passado despercebida pela maioria do público presente e também pela imprensa — ou, talvez, esta não tenha ousado explicitar a crítica à situação de artistas e intelectuais em Cuba, que está latente no texto do discurso. Afinal, os hereges de ontem promovem a caça às bruxas de hoje. É interessante observar aqui um estratagema retórico que permite a Soyinka elogiar a *idéia* de revolução no sentido de liberdade e abertura permanente às mudanças, tanto na arte quanto na política, ao mesmo tempo em que aponta

para o sentido paradoxal de uma revolução que se petrifica, negando assim seu próprio significado. Ao criticar de modo indireto as restrições à liberdade de pensamento e expressão, Soyinka demonstra sua costumeira habilidade no uso da linguagem: seus exemplos de governos autoritários incluem representantes de diversos continentes; o mesmo ocorre quando reprova as políticas nacionalistas baseadas na “purificação cultural” e na rejeição a tudo que é estrangeiro – desde arte, literatura e idéias até roupas ou tecnologias, como transmissões via satélite. Além disso, seu discurso procura agradar ao povo e ao governo do país que o homenageia não só conferindo a Cuba o título de “o herege do hemisfério ocidental”, mas também criticando com vigor o sistema judiciário do arqui-rival do país, os Estados Unidos.

Soyinka afirma que “sua tribo primária é a dos escritores” (2001a); seu campo é o da ficção – ao que parece, mesmo quando fala em seu próprio nome. Em seu discurso como homenageado pode-se perceber, por trás da máscara do Soyinka respeitoso ao país anfitrião (que ele parece realmente admirar) a persona do “herege” que, de modo indireto e através da ironia, parece endossar o discurso oficial de Cuba, ao mesmo tempo em que convoca os escritores e intelectuais presentes ao inconformismo que caracterizaria “a verdadeira cultura”, isto é, aquela que se recusa a aceitar de forma acrítica qualquer sistema político, ideológico ou artístico. Além disso, manifesta-se a favor da abertura às culturas estrangeiras e totalmente contra as posturas nacionalistas e xenófobas, bem como ao messianismo e ao culto à personalidade do líder – na verdade, estes são os alvos principais de sua obra, especialmente em suas sátiras ferozes contra os falsos profetas e pretensos salvadores da pátria. Aqueles que conhecem a obra de Soyinka e a ironia que lhe é peculiar não podem deixar de se perguntar quanto às várias possibilidades de leitura de suas palavras durante esta visita a Cuba: seria essa ambigüidade, essa ambivalência própria do discurso literário, um exemplo prático da “bruxaria” a que Soyinka se refere?

Soyinka afirmou em entrevista especial (SOYINKA, 2001b) que uma das faces positivas da globalização e de tecnologias como a internet e as transmissões a cabo – sinais desse “salto quântico” das comunicações, como ele diz – seria tornar possível que se estabeleçam padrões “universais” de direitos humanos e pressões para que estes sejam respeitados. Um exemplo seria a prisão de Pinochet fora de seu país e os esforços para julgá-lo; outro seria o trabalho das várias cortes internacionais de justiça contra os criminosos de guerra: “O fato é que soou um sinal de alarme contra os assassinos, os responsáveis por assassinatos em massa, por genocídios, e assim por diante”

(SOYINKA, 2001b). Uma das atribuições dos intelectuais seria, então, ampliar esse sinal de alarme, aproveitando, entre outras coisas, a exposição à mídia (e, no caso em discussão, até mesmo as homenagens recebidas) para reforçar o apelo a um novo humanismo, baseado, sobretudo, no respeito aos direitos humanos e à liberdade de expressão, mesmo que esse apelo se dê maneira indireta.

A relevância das declarações de figuras emblemáticas do mundo cultural é, sem dúvida, uma prova de que o fenômeno discutido por Michel Winock como característico do século XX, em *O século dos intelectuais*, continua nesse novo milênio – na verdade, o desenvolvimento da sociedade da informação vem contribuindo para intensificá-lo. Também como no século passado, os governos totalitários continuam sentindo o peso dessas opiniões não só no âmbito nacional quanto no internacional; daí os escritores serem alvo freqüente das “caças às bruxas” a que se refere Soyinka em seu discurso na Casa de las Américas. Entretanto, pode-se perguntar até que ponto escritores e intelectuais têm o poder de interferir na cena política, em especial em uma época de declínio do prestígio da literatura? Qual seria o alcance das “bruxarias” dessa “rede mundial de conciliábulos de bruxos”?

Uma resposta bem humorada, mas desmistificadora, pode ser encontrada no livro de memórias do escritor e dramaturgo americano Arthur Miller, *Timebends*, e diz respeito exatamente a um dos laureados do Nobel discutidos neste trabalho (MILLER, 1995, p. 597). Em uma das vezes em que Wole Soyinka esteve preso por razões políticas, ativistas americanos procuraram Miller para que se manifestasse, participando de uma campanha para sua libertação. Porém, as cartas escritas por Miller às autoridades nigerianas não recebiam a atenção esperada pelos americanos, já que a fama do dramaturgo não chegara à África. Os pedidos só foram levados a sério quando um dos militares no poder foi informado de que o dramaturgo americano havia sido casado com Marilyn Monroe – esta, sim, uma celebridade mundial. Irônico, sim, mas verdadeiro. Quanto vale a opinião de um laureado pelo Nobel na paisagem midiática contemporânea?

Abstract

The awarding of the Nobel Prize to African writers, such as Wole Soyinka and Nadine Gordimer, has contributed to increasing their visibility both as writers and intellectuals. This paper discusses their attitudes towards the consequences of literary fame, especially with respect to their public life and their presence in the media.

Keywords: *Nobel Prize in Literature; Africa; intellectuals; Wole Soyinka; Nadine Gordimer.*

Referências

ACHEBE, Chinua. *Things fall apart*. Londres: Heineman Educational Books, 1965.

ALLÉN, Sture. The Nobel Prize in literature 1991. Presentation speech. 1991. Disponível em: <<http://nobelprize.org/literature/laureates/1991/presentation-speech.html>>. Acesso em: 2 jul. 2004.

APPADURAI, Arjun. Disjuncture and difference in the global cultural economy. In: DURING, Simon (Ed.). *The cultural studies reader*. 2. ed. Londres: Routledge, 1999. p. 220-230.

ENGDAHL, Horace. The Nobel Prize in Literature 2003. 2003. Announcement speech. Disponível em: <<http://nobelprize.org/literature/laureates/2003/announcement.html>>.

ESPMARK, Kjell. The Nobel Prize in literature. Disponível em: <<http://nobelprize.org/literature/articles/espmark/index.html>>. Acesso em: 2 jul. 2004.

GYLLENSTEN, Lars. The Nobel Prize in literature in 1986. 1986. Presentation speech. Disponível em: <<http://nobelprize.org/literature/laureates/1986/presentation-speech.html>>. Acesso em: 2 jul. 2004.

GORDIMER, Nadine. Writing and being. 1991. Disponível em: <<http://nobelprize.org/literature/laureates/1991/gordimer-lecture.html>>. Acesso em: 2 jul. 2004.

_____. Witness: the inward testimony. At the Nobel Centennial Symposia, December 5, 2001. 2001. Disponível em: <<http://nobelprize.org/literature/laureates/1991/gordimer-symp.html>>. Acesso em: 2 jul. 2004.

MILLER, Arthur. *Timebends: a life*. New York: Penguin, 1995.

SAID, Edward. *Representations of the intellectual: the 1993 Reith Lectures*. London: Vintage, 1994.

SOYINKA, Wole. *The road*. In: _____. *Collected plays I*. Oxford: Oxford University Press, 1973.

_____. *This past must address its present*. 1988. Disponível em: <<http://nobelprize.org/literature/laureates/1986/soyinka-lecture.html>>. Acesso em: 2 jul. 2004.

_____. *The man died*. Prison notes. London: Arrow, 1987.

_____. *Escritor, brujo, hereje*. Discurso proferido na abertura do Prêmio de Literatura Casa de las Américas, Havana, Cuba, 22/01/2001, inédito. 2001a. (traduzido para o espanhol.)

_____. *A África tem voz*. Entrevista concedida a Ângela Leite de Souza e Eliana Lourenço de Lima Reis. *Carta Capital*, São Paulo, ano VII, n. 143, p. 50-52, 28 mar. 2001b.

WINOCK, Michel. *O século dos intelectuais*. Trad. Eloá Jacobina. São Paulo: Bertrand, 2000.